



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE DOUTORADO EM PSICOLOGIA

JÉSSICA SILVA RODRIGUES

**MÃES DA PERIFERIA ENTRE LUTA E LUTO: PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA E
CUIDADO DE MULHERES QUE TIVERAM FILHOS/AS ASSASSINADOS/AS NO
CEARÁ.**

FORTALEZA

2022

JÉSSICA SILVA RODRIGUES

MÃES DA PERIFERIA ENTRE LUTA E LUTO: PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA E
CUIDADO DE MULHERES QUE TIVERAM FILHOS/AS ASSASSINADOS/AS NO
CEARÁ.

Tese apresentada ao programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Ceará para obtenção do título de Doutora em Psicologia. Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais.

FORTALEZA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R613m Rodrigues, Jéssica Silva.

Mães da periferia entre luto e luta : práticas de resistência e cuidado de mulheres que tiveram filhos/as assassinados/as no Ceará / Jéssica Silva Rodrigues. – 2022.

194 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros .

1. Feminismos . 2. Mulheres. 3. Luta . 4. Luto. 5. Decolonialidade. I. Título.

CDD 900

JÉSSICA SILVA RODRIGUES

MÃES DA PERIFERIA ENTRE LUTA E LUTO: PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA E
CUIDADO DE MULHERES QUE TIVERAM FILHOS ASSASSINADOS NO CEARÁ

Tese apresentada ao programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Ceará para obtenção do título de Doutora em Psicologia. Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais.

Aprovada em: 21 / 12 / 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof^a. Dr. Pedro Paulo Gastalho de Bicalho
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Jaileila de Araújo Menezes
Universidade Federal do Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Camila Holanda Marinho
Universidade Estadual do Ceará

Prof^a. Dr^a. Vlândia Jamile dos Santos Jucá
Universidade Federal do Ceará

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, às mulheres do coletivo “Mães da Periferia” por compartilharem comigo de suas vidas, suas dores e seus percursos de luta.

Agradeço aos meus pais, Rosa e Rosálio por terem tornado a minha vida possível. Por toda dedicação de tempo, afeto e amor. Por tantas abdições em suas vidas para que a minha fosse mais serena e confortável. Por me fazerem destemida e me darem a segurança afetiva de uma casa para onde voltar se tudo desse errado.

Muito obrigada às minhas irmãs e irmão, Amanda, Tamiris e Lucas. Costumo dizer que vocês são os melhores presentes que meus pais puderam me dar. São a minha certeza de que não ando sozinha. São um pedaço de mim apesar das distâncias geográficas. São memórias compartilhadas que também me ajudam a me reconhecer.

Agradeço aos meus sobrinhos Bentinho e Jojo, pela doçura e amor que me dão esperança em um mundo melhor e por me permitirem a alegria de acompanhar suas vidas.

Obrigada à minha grande amiga, parceira de vida e trabalhos, Fernando Benício. Você, além de ser inspiração, sempre me dá força pra caminhada. São muitos anos de compartilhamento de sonhos e de trocas de energias positivas nas lutas pelas conquistas destes. Te amo, nêga <3

Muito obrigada às minhas amigas Milena Lira e Isabelli Viana por sempre estarem há tantos anos. Presencialmente ou pelas ligações de horas. Obrigada pelas escutas, parcerias e por serem suporte nos enfrentamentos das dificuldades da vida.

Obrigada ao meu querido orientador João Paulo pelas trocas de ideias, pela presença firme, pela amorosidade e atenção nesse processo de construção de mim como docente/pesquisadora/psicóloga. Obrigada por acreditar em mim!

Obrigada a todes que compõem o VIESES, grupo que me inspira e me apoia a anos na construção de trabalhos e intervenções em coletivo. Vocês me ensinam a funcionar em rede, tecendo entre tantos!

Obrigada à Carla Jéssica por tantas ajudas e suportes técnicos e teóricos nesses anos. Pela leitura e revisão do texto.

Obrigada aos meus amigos do trabalho Tiago, Patrícia e Ariana por me acolherem nesse ano de mudanças e fazerem do cotidiano de trabalho mais leves.

Obrigada a Luís Gustavo, por tantos incentivos, apoio e amorosidade na reta final de construção do texto. Seu carinho foi fundamental.

A noite não adormece nos olhos das mulheres

- *Em memória de Beatriz Nascimento*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.*

*A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede.*

Negridianos

Para Cuti, Limeira e Guellwaar Adún

*Há uma linha invisível,
lusco-fusco furioso dividindo as correntezas.
Algo que distingue meu pretume de sua carne alva
num mapa onde não tenho territórios.
Minha negritude caminha nos sobejos,
nos opacos por onde sua luz não anda,
e a linha se impõe poderosa,
oprimindo minha alma negra,
crespa de dobras.
Há um negridiano meridiando nossas vidas,
ceifando-as no meio incerto,
a linha é invisível mesmo:
mas nas costas ardem,
em trilhos rubros,
a rota-lâmina destas linhas absurdas que desenha
enquanto eu não as enxergo.*

(Lívia Natália)

Resumo

O presente estudo de tese analisa de que modo um coletivo de mulheres que tiveram seus/suas filhos/as assassinados/as vítimas da violência de Estado tem operado na produção de resistências, cuidado e reconstrução das trajetórias de suas participantes. O estudo se efetivou junto ao grupo “Mães da Periferia”, coletivo composto majoritariamente por mulheres que tiveram seus/suas filhos/as assassinados/as por violência policial no Estado do Ceará. Mais especificamente, a pesquisa reflete de que modo o referido grupo coengendra processos de luto e luta a partir da criação de estratégias de cuidado; problematiza como o grupo opera a construção de memória, justiça, reparação a partir de suas práticas de resistência e discute que efeitos o coletivo produz na trajetória das mulheres que o integram. As reflexões aqui propostas se ancoram em referenciais dos estudos feministas, em especial do feminismo negro e decolonial como Curiel, Davis, Akotirene, Mayorga, Menezes, Gonzalez, hooks, Lugones; em diálogos com autores de perspectivas anti-coloniais como Mbembe e Fanon. Essas/es autoras/es nos auxiliam a pensar as questões de raça, classe e gênero em uma perspectiva anti-colonial e interseccional, em conexão com a psicologia. Possibilitam, assim, refletirmos acerca das marcas da colonialidade e das violências que são imanentes nas trajetórias de luta e luto dessas mulheres. Metodologicamente, o estudo caracteriza-se como qualitativo, alinhado à perspectiva participativa interseccional decolonial. Foram utilizadas as seguintes estratégias metodológicas: 1) Realização de um processo grupal com as participantes do coletivo “Mães da Periferia”, como tecnologia leve de cuidado; 2) Realização de entrevistas narrativas com mães do coletivo, no intuito de ouvir a dimensão de singularidade em seus processos de luta por justiça e memória de seus filhos, assim como aspectos de suas experiências. Como ferramentas, foram utilizados: Diários de Campo e roteiro semi-estuturado para realização das entrevistas. Como principais resultados, pode-se destacar que as mulheres desenvolvem entre

si importantes tecnologias de cuidado; o cuidado tem uma importante dimensão política deste à medida que ele está diretamente relacionado aos modos de possibilitar a vida frente às políticas de precarização de corpos negros que experimentam formas de subalternização; as formas de cuidado se relacionam diretamente com os processos de luta por memória, justiça e reparação; a transformação dos lutos em lutas possibilitam a continuidade da vida que se afirma como enfrentamento às políticas de morte.

Palavras-chave: feminismos; mulheres; luta; luto; decolonialidade.

Abstract

This thesis study analyzes how a collective of women who had their children murdered/victims of state violence has operated in the production of resistance, care and reconstruction of the trajectories of its participants. The study was carried out with the group “Mães da Periferia”, a collective composed mainly of women who had their children murdered by police violence in the State of Ceará. More specifically, the research reflects how the aforementioned group co-engenders mourning and struggle processes from the creation of care strategies; it problematizes how the group operates the construction of memory, justice, reparation based on its practices of resistance and discusses what effects the collective produces in the trajectory of the women that integrate it. The reflections proposed here are anchored in references from feminist studies, especially from black and decolonial feminism such as Curiel, Davis, Akotirene, Nogueira, Mayorga, Menezes, Gonzalez, Carneiro, Bento, hooks, Lugones; in dialogues with authors from anti-colonial perspectives such as Mbembe and Fanon. These authors help us to think about issues of race, class and gender in an anti-colonial and intersectional perspective, in connection with psychology. Thus, they make it possible for us to reflect on the marks of coloniality and the violence that are immanent in the trajectories of struggle and mourning of these women. Methodologically, the study is characterized as qualitative, in line with the decolonial intersectional participatory perspective. The following methodological strategies were used: 1) Carrying out a group device with the participants of the collective “Mães da Periferia”, as a light care technology; 2) Conducting narrative interviews with mothers from the collective, in order to hear the dimension of singularity in their processes of struggle for justice and memory of their children, as well as aspects of their experiences. As tools, the following were used: Field Diaries and a semi-structured script for carrying out the interviews. As main results, it can be highlighted that women develop important care technologies among themselves; care has an important political dimension to it

as it is directly related to ways of making life possible in the face of precarious policies for black bodies who experience forms of subalternization; forms of care are directly related to the processes of struggle for memory, justice and reparation; the transformation of mourning into struggles enables the continuity of life that asserts itself as a confrontation with death policies.

Keywords: feminisms; women; struggle; mourning, decoloniality.

Sumário

| | |
|--|----|
| Capítulo 1: Vidas (des)importantes: aproximações com o cenário de matabilidade de corpos amefricanos | 15 |
| Capítulo 2: (Des)orientações teóricas e metodológicas: decolonialidade, interseccionalidade e suas reverberações para psicologia nos encontros com as existências subalternizadas | 30 |
| Suleando o referencial epistêmico da pesquisa | 30 |
| Das reverberações do deslocamento epistêmico para psicologia | 39 |
| Capítulo 3: “A pesquisa como um lugar de luta” - Tecendo uma Pesquisa Participativa feminista decolonial COM coletivo de mulheres mães | 44 |
| Sobre o lugar de pesquisadora | 49 |
| Passos que vem de longe: caminh(Ação) das mulheres e minhas aproximações com o coletivo | 55 |
| O conhecimento que parte da experiência | 61 |
| Pesquisa como ação de re-existência às colonialidades | 65 |
| Composição de comunalidade com as mulheres | 71 |
| Inventando as Estratégias Metodológicas | 75 |
| <i>Processo Grupal: Inter(in)venções com o coletivo de mães</i> | 76 |
| <i>Diários de Campo sob perspectiva feminista</i> | 83 |
| <i>Entrevistas Narrativas</i> | 84 |
| <i>“se eu pudesse dar a minha vida pelo meu filho, eu teria dado a minha vida sem pensar duas vezes.” - Zelma.....</i> | 86 |

| | |
|---|-----|
| <i>“Eu agradeço às mães da periferia sim, porque, não sei se você andou sabendo, eu tentei suicídio” - Penha.....</i> | 87 |
| <i>“Pra mim, eu me acho forte, uma mulher muito forte” - Iracema.....</i> | 89 |
| <i>Análise Interseccional</i> | 91 |
| Capítulo 4: Das tessituras do Cuidado: coengendramento entre luto e luta no coletivo | |
| Mães da Periferia | 92 |
| O cuidado entre as mulheres como reconquista da própria voz e a desalienação entre pessoal e social | 100 |
| “Então a gente consegue se fortalecer uma com a outra”: articulação entre Cuidado e (re)existência Política no coletivo | 109 |
| O Cuidado entre as mães como ferramenta de transformação das condições de Subordinação | 118 |
| Capítulo 5: LutAR por Memória, Justiça e Reparação: experiências do grupo Mães da Periferia | 125 |
| As mães e as lutas coletivas por Memória, Justiça e Reparação | 125 |
| <i>“O que mais, é... me lembra, é que ele gostava de viver, sabe? Ele era feliz com a vida.” (Zelma): A luta das mães pela construção de memória política</i> | 125 |
| <i>“A justiça não anda pra nós não. Funciona separada pra nós. É parada, parada.” (Penha) : A luta das mães por Justiça</i> | 134 |
| <i>“Querem fazer o que? Dar remédio pras mães, internar as mães, e a gente não é louca, a gente não tá doida, a gente tá adoecida.” (Zelma) : A luta das mães por Reparação</i> | 146 |

| | |
|--|-----|
| Capítulo 6: “A gente vai tentando sobreviver. Porque a partir do momento que a gente perde um filho, a gente sobrevive.” - As lutas das mães como modos de reconstrução da vida | 153 |
| “Você tem que dizer a todo instante que você não é bandido”: A ruptura com o silêncio e o levante da voz | 154 |
| “Naquele momento o movimento foi muito importante pra mim, porque eu tava pensando em desistir”: lutar é não desistir e se faz em coletivo | 157 |
| Ser mãe da periferia: luta como conscientização e autodefinição | 159 |
| Considerações finais | 170 |
| Referências | 175 |

